

ASPECTOS DO TEMPO E DO ESPAÇO: UMA REFLEXÃO SOBRE O COTIDIANO

ASPECTS OF TIME AND SPACE: A REFLECTION ON EVERYDAY LIFE

José Wellington Dias SOARES¹

Resumo: o presente texto tem como objetivo analisar como a noção de tempo e de espaço, presente no cotidiano das pessoas, é percebida na construção da narrativa literária. Para tanto, utilizamos, como objeto do nosso estudo, os contos “Teoria do Medalhão” (1881), de Machado de Assis; e “Dentes Negros e Cabelos Azuis” (1918), de Lima Barreto. Partindo da concepção de tempo segundo Koselleck (2006), Pomian (1993) e Harvey (1994); e da concepção de espaço conforme Santos (2006) e Massey (2008), a análise a que pretendemos dialoga com a concepção de história sobre lugares particulares e sobre ambientes que são usados e transformados na nossa cotidianidade (SANTOS, 2006). Além disso, é importante compreendermos como dois contos tão díspares na sua proposta literária de construção imagética da sociedade carioca compartilham, cada um a seu modo, das questões políticas e sociais do tempo em que foram publicados. Nesse caso, podemos perceber de que maneira o texto ficcional, entendido aqui como um espaço estético, cumpre também um papel político, de acordo com Rancière (2005).

Palavras-chave: tempo; espaço; cotidiano; literature; história.

Abstract: this text aims to analyze how the idea of space and time in our everyday life is perceived in the built of literary narratives. Thus, as *corpus*, we study the short stories “Teoria do medalhão” (1881), by Machado de Assis, and “Dentespre-

1 Docente da Universidade Estadual do Ceará (UECE). E-mail: wellington.soares@uece.br



tos e cabelosazuis” (1918), by Lima Barreto. Considering Koselleck (2006), Pomian (1993) and HARVEY’s (1994) conceptions of time and according to Santos (2006) and Massey’s (2008) ideas about space, our analysis intends to establish a dialogue able to deal with the conception of history about private places as also about the environment used and transformed in our daily routine (SANTOS, 2006). Over and above that, it is relevant to notice how those different short stories; independently the time they were published, they share political and social aspects of the carioca society. Therefore, it is possible to notice how a fictional text, while an aesthetics space, performs a political role, according to Rancière (2005).

Key-words: time; space; everyday; literature; history.

Introdução

Ao homem contemporâneo é permitido perceber o tempo e o espaço em seu sentido múltiplo e complexo.

Partindo da visão cronológica, mas nem sempre a única, o tempo pode lhe aparecer como imagens num calidoscópio, imbricadas, indefinidas e sem referencialidade aparente. Nesse sentido, o presente, o passado e o futuro se coordenam e proporcionam à ação presente uma plenitude de significado (KOSELLEK, 2006) e certos aspectos que mobilizam o homem no mundo e a história do homem. Entretanto, aqui cabem algumas indagações: se o tempo muda com o sujeito, ele está dentro do sujeito? O tempo, então, é subjetivo? Não existe fora do sujeito, ou seja, não podemos falar de um tempo objetivo, real? O tempo real e objetivo têm que ser necessariamente único para todos? Acreditamos que o tempo é exterior ao homem. Logo, o que muda é a percepção que cada um de nós tem dele. A relação está, portanto, no âmbito objetivo/subjetivo.

O mesmo ocorrerá com o espaço, que sempre está relacionado com o tempo. A concepção relacional trabalhada por David Harvey (1994) e a noção de multiplicidade de Milton Santos (2006), em que se evidenciam o local e o global, o Mundo e o indivíduo, a atividade racional e a atividade comunicacional, simbólica e intersubjetiva, são perspectivas importantes para compreendermos o espaço.

Nesse sentido, pretendemos analisar quais tensões são, efetivamente, conflitantes a partir da maneira social em que o espaço e o tempo são construídos no cotidiano das pessoas. O estudo sobre o tempo e o espaço pode atuar, pois, com forte impacto na concepção histórica sobre lugares particulares e sobre como os



ambientes são usados e transformados na nossa cotidianidade. Com isso, é intenção nossa investigar também a forma como a construção social do cotidiano se entrelaça com a construção ficcional em Machado de Assis e em Lima Barreto. Como eles dialogam entre si e com a sociedade (o tempo e o espaço deles).

Para tanto, utilizaremos como recorte para o nosso estudo a respeito do tempo e do espaço como esferas do cotidiano os contos “Teoria do Medalhão”, de Machado de Assis (1836 – 1908); e “Dentes Negros e Cabelos Azuis”, de Lima Barreto (1881 – 1922). Além disso, poderemos transcender a análise intrínseca do texto e pensar sobre a relação que a obra desses escritores tem com o mundo. Dessa maneira, observar o lugar e o tempo nesses contos e encontrar os seus significados construídos pelos autores, a partir da possibilidade que nos permite ver através da consideração do cotidiano deles, constituem nosso objetivo de pesquisa. Como evidência desse cotidiano nos seus escritos ficcionais, podemos considerar também seus textos não-ficcionais, tais como cartas, crônicas, diários e crítica. Assim, asseguramos com mais firmeza metodológica um debate sobre fato e ficção

Luiz Costa Lima diferencia fato (dia-a-dia) e ficção nos seguintes termos: “[n]o dia a dia, quando cumprimento alguém, o que transmito se resume a comunicar ao outro que ele não me é estranho ou, de acordo com o tipo de cumprimento, qual nosso grau de familiaridade. Na ficção, o mesmo cumprimento se apropria – repete – e transgredir o ritual do cotidiano, dando-lhe outra função” (LIMA, 2006: 283). Essa perspectiva significa que a transgressão do fictício está no âmbito da dimensão pragmática. Já para Paul Ricoeur, existe o que ele designa de “entrecruzamento entre história (fato) e ficção”. Tanto no sentido ontológico quanto epistemológico, “a história e a ficção só concretizam suas respectivas intencionalidades tomando de empréstimo a intencionalidade da outra”. (RICOEUR, 2010: 311).

Portanto, encontramos em Lima Barreto e em Machado de Assis elementos cujas marcas podem evidenciar continuação e mudanças, ao mesmo tempo, no conteúdo da vida: a linguagem, os acontecimentos, o tempo, o espaço, a cidade, o homem, a sociedade, as relações sociais, o comportamento, a política, a economia, os anseios, as angústias, o conteúdo histórico. Esses elementos configuram o espaço de experiência e o horizonte de expectativa, categorias históricas segundo Koselleck, presentes nos textos literários.

Embora estejamos trabalhando com o texto literário como ponto de partida da análise do cotidiano, não significa que iremos considerá-los (texto literário e cotidiano) como elementos puramente subjetivos, sem relação com a realidade objetiva do mundo material. Pelo contrário, o texto literário, ele próprio um espaço estético, cumpre um papel também político, de acordo com Jacques Rancière (2005).



○ ○ ○

O cotidiano, por sua vez, ganha aqui uma dimensão histórica, na medida em que se configuram um espaço e um tempo em que se podem vislumbrar as concepções diversas sobre o mundo. Nesse sentido, a nossa proposta é estudar a forma como o cotidiano dos escritores cariocas ocupa um lugar significativo em sua obra literária, ao mesmo tempo em que esta representa uma voz dissonante e expressiva para a sociedade da qual faz parte.

Os textos literários em questão, portanto, serão estudados no espaço e no tempo em que foram construídos, por sujeitos que vivenciaram socialmente os problemas reais de sua cidade e se pronunciaram sobre eles. Na verdade, eles são tomados, aqui, como um traço particular do mundo social, a partir do qual podemos perceber a forma de entender o tempo e o espaço dos escritores cariocas.

Assim, compreendemos que o tempo e o espaço são dimensões sociais², construídas histórica e socialmente, mas também passam pela escolha dos autores como configuração objetiva, pois há várias possibilidades de percepção da realidade, entre as quais podemos eleger algumas como referencialidade para o nosso entendimento do mundo. Além disso, existe, também, a dimensão estética do tempo e do espaço nas obras de arte literária. Ela é trabalhada de forma mais livre, que mobiliza uma construção imagética de maneira mais democrática de representar o mundo material. Sem dúvida, é importante observarmos a forma como eram pensados o tempo e o espaço na sociedade carioca no final do século XIX e início do século XX, a fim de formularmos questões mais consistentes a respeito do nosso presente, que consiste na arena atual e objetiva de nossas angústias enquanto pesquisador e ser social diante dos desafios contemporâneos.

A representação literária do tempo e do espaço

O conto é um texto literário curto cujo enredo se desenvolve a partir de uma única célula narrativa, capaz de aprofundar a história no seu sentido ver-

2 A expressão “o tempo e o espaço são dimensões sociais” significa que aquelas categorias se tornam acessíveis a partir da experiência humana. A narrativa é um ótimo exemplo disso, uma vez que ela configura objetivamente a experiência do tempo e do espaço, proporcionando um sentido aos acontecimentos. Para Paul Ricoeur, o tempo só se torna humano através da narrativa, que é um tipo de configuração objetiva do tempo. Segundo Ricoeur, existem relações e tensões entre o tempo da narrativa e o da vida e da ação efetiva. (RICOEUR, 2010: 169) Raymond Williams entende que “as condições objetivas são, e só podem ser, resultado das ações humanas no mundo material”. (WILLIAMS, 1979: 89). Mikhail Bakhtin, discorrendo sobre o tempo e o espaço nas obras de Goethe, afirma o seguinte: “[c]om base nesses elementos (cidades, ruas, casas, obras de arte, técnicas, organizações sociais, etc.) o artista interpreta as intenções mais complexas dos homens, das gerações, das épocas, das nações, dos grupos e das classes sociais”. (BAKHTIN, 2011: 225)



tical. Costuma ser diferenciado do romance pela extensão, uma vez que este é uma narrativa longa. Distancia-se também da novela, visto que esta possui vários núcleos narrativos, ligados por uma lógica horizontal. Aproxima-se, contudo, da crônica literária, pois ambos trazem especificidades formais semelhantes, mas que podem ser marcadas com a simples intencionalidade do autor, no momento de reunir e nomear seus textos como crônicas literárias ou contos. Estes, entretanto, possuem uma abertura mais ampla para os voos da imaginação criadora, para o sobrenatural e para o fantástico³.

O conto “Teoria do Medalhão” foi publicado, primeiramente, na *Gazeta de Notícias*, em 18 de dezembro de 1881. Depois saiu em livro, com mais onze contos, reunidos sob o título de *Papéis avulsos*, no ano de 1882. Antes desse livro de contos, Machado de Assis publicara mais dois: *Contos fluminenses* (1870) e *Histórias da meia-noite* (1873), ambos escritos numa atmosfera romântica. *Papéis avulsos*, logo, é o primeiro de seus contos a ser produzido na perspectiva do olhar estético realista. Seu romance famosíssimo, *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), é apontado pela crítica e historiografia literárias como obra precursora do Realismo brasileiro. Por trazer uma proposta inovadora no trato da linguagem e do tema, esse romance é, de fato, um divisor de águas na literatura brasileira. Além do conto “Teoria do Medalhão”, há outros textos de destaque em *Papéis avulsos*, pela força da expressão e pela maneira impactante que o autor aborda os assuntos. Entre eles, estão “O Alienista”, “A Sereníssima República” e “O Espelho”.

“Teoria do Medalhão” é, ele todo, um diálogo entre um pai e seu filho, que acabara de completar 21 anos. Não há, portanto, a intervenção de um narrador. Depois do jantar comemorativo da maioridade do filho, o pai o chama para uma conversa. O espaço é, obviamente, a casa deles; e o tempo da narrativa gira em torno de 1875, sob a atmosfera do Segundo Império. Dessa maneira, o diálogo corresponde a ensinamentos ao filho, sobre sua vida em sociedade, ou melhor, o pai indica-lhe o caminho de um precioso ofício, que muitos figurões almejam, mas pouquíssimos conseguem alcançá-lo. Trata-se do ofício de medalhão da sociedade aristocrática e burguesa do final do século XIX. Logo, toda a conversa desenvolve-se a partir de conselhos, conceitos, dicas, opiniões, exemplos de como tornar-se um medalhão. O pai, que estava frustrado no seu desejo de tornar-se um medalhão, faz uma veemente exigência para que o filho se torne um, a fim de que o destino de ambos se cumpra em sua plenitude. O filho, por sua vez, ouve e consente tudo, mostrando-se mesmo bastante interessado, o que define seu lugar de prestígio naquela sociedade.

3 Para um estudo mais demorado sobre as formas em prosa da literatura, recomendamos *A criação literária: prosa I*, de Massaud Moisés.





Através de uma situação ordinária para a classe social a que pertencem os personagens, Machado de Assis cria uma imagem irônica da sociedade que conhece tão bem, cujos lastros e possibilidades são revelados pouco a pouco para o leitor. A formação de um medalhão dessa sociedade salta aos nossos olhos como uma afronta a muitos e como privilégio de poucos, que, sem merecimento e esforço, ambicionam entrar nas benesses da terra prometida de luxo e regalias econômicas e sociais.

O conto “Dentes Negros e Cabelos Azuis”, de Lima Barreto, foi publicado inicialmente na *Revista Época*, em 31 de agosto de 1918. Em seguida, foi reunido em volume pelo autor e publicado com o título *Histórias e sonhos*, em 1920. Esse livro reúne contos e crônicas inspirados na vida cotidiana do Rio de Janeiro no início do século XX. Crítico implacável das questões políticas e sociais de sua época, Lima Barreto é autor de uma obra marcada pela linguagem irreverente e de forte tom coloquial. Jornalista e funcionário público, Lima Barreto é um dos nomes mais importantes da literatura brasileira, pois revela outra maneira de escrever que não seja aquela voltada para temáticas europeizantes e para uma forma ditada pela gramática tradicional.

“Dentes Negros e Cabelos Azuis” tem como momento mais importante uma conversa entre o personagem central, cujas características físicas dão o nome ao título do conto, e uma pessoa estranha a ele, um ladrão. O diálogo, logo, acontece numa rua do subúrbio do Rio de Janeiro. Quando o rosto do assaltado é revelado ao assaltante, sob a luz trêmula da iluminação pública, este percebe a aparência bizarra do homem à sua frente. O espanto e, em seguida, o terror tomam-no por completo. Com cabelos azuis e dentes negros, na verdade é a vítima quem assalta o marginal, retirando-o do cotidiano, fazendo-o deparar-se, de repente, com a diferença do outro.

Em seguida, ao perceber sinais de profundo sofrimento estampados naquele rosto bizarro, o assaltante instiga-o a falar-lhe sobre os infortúnios de sua condição física tão estranha aos estereótipos da normalidade. Então, a vítima vai descrevendo seu tormento: é um ser dilacerado, completamente dividido entre o espírito elevado e o corpo monstruoso. A sociedade não lhe percebe o espírito, apenas a aparência anômala.

As situações postas de maneira diferente, por Machado de Assis e Lima Barreto, nos contos em apreço, interessam-nos não com a finalidade de confrontar seus pontos de vista, mas, sim, com o objetivo de evidenciar que eles se completam ao revelarem perspectivas destoantes da mesma sociedade carioca, repleta de exclusão e solidariedade, preconceito e compaixão, ricos e pobres. O lugar que ocupa



cada personagem e o momento da ação são significativos para compreendermos o aspecto relacional desses elementos com o cotidiano. Mostram-nos, também, que eles não estão dados, mas são construídos socialmente. O sujeito insere-se nesse contexto com múltiplos olhares, pois é, ao mesmo tempo, um ser social e individual.

Uma das particularidades da obra de Lima Barreto se encontra esteticamente expressa em “Dentes Negros e Olhos Azuis”. O conto simboliza muito bem a condição do indivíduo de estar em um não-lugar, ainda que, a partir daí, possa enxergar os meandros da vida ao seu redor de maneira tão singular.

Esse fato representa, inclusive, a própria condição de Lima Barreto dentro do quadro intelectual brasileiro do início do século XX: um escritor cindido entre sua sensibilidade, burilada por uma formação intelectual muito particular, e sua origem negra, mesclada a uma condição social em declínio, devido às mudanças socioeconômicas pelas quais passava o Rio de Janeiro durante a Primeira República. Tal situação parece ter criado no escritor a sensação de não integrar nenhum dos dois estratos sociais em que deveria trafegar. Abraçar o mundo literário carioca, composto por homens brancos e bem-postos, era abraçar a sociedade arrivista que se estruturava ao redor e no interior daquele universo, com o qual não podia concordar. Mesmo que assim o desejasse, se integrar àquele circuito significaria ser lembrado por seus pares apenas como “aquele dos dentes negros...”.

Por outro lado, abraçar os estratos sociais para onde sua origem étnica e social o levava também não era possível. Culto e crítico, por mais simpatia que pudesse ter pela multidão dos desvalidos que viviam às margens das paragens chiques do Rio, era impossível não perceber a mesquinhez que invadia o cotidiano da maioria daquelas pessoas. E pior: era impossível, muitas vezes, não as perceber através de certos preconceitos que o autor – apesar de tudo – havia absorvido a partir de seus conhecimentos, adquiridos em leituras preconceituosas em relação aos negros, aos mulatos e às camadas populares brasileiras de uma maneira geral. Nem branco nem negro, culto e sem poder usufruir com plenitude os prazeres da cultura branca, comprometido com as camadas menos favorecidas da população carioca e, mesmo assim, muitas vezes, divisando-as através de um olhar preconceituoso, Lima Barreto – situado nesse não-lugar tão especial que sua condição étnica, social, cultural e subjetiva lhe criou – concebeu para sua obra, literária e não-literária, um espaço de comunicação social e política, na esteira de Jacques Rancière (2005).

A “partilha do sensível”, categoria central do pensamento estético e político de Rancière, refere-se a uma possibilidade diferente de experienciar o tempo e o lugar, em relação ao que é determinado pela sociedade. É uma ideia mais democrática, do ponto de vista político, de o sujeito participar das atividades





humanas em sociedade, sem limitações, preconceitos e exclusões de qualquer ordem. Na “partilha do sensível”, a subjetividade do sujeito se coaduna melhor com o ser, o dizer e o fazer. Nesse caso, as atividades sociais não se prendem às relações de poder, mas sim a um “espaço político comum” (RANCIÈRE, 2005: 64). Temos, nessa concepção, uma nova maneira, não só de perceber e sentir o real, o mundo sensível e as práticas sociais, mas, sobretudo, de garantir um espaço e um tempo mais democráticos, em que as pessoas possam participar livremente das discussões políticas.

Na configuração estética, em que há a fusão da arte com a vida, encontramos a “partilha do sensível”, enquanto sentido político. Por isso, Rancière refere-se “a certa estética da política”. Segundo ele, “é no terreno estético que prossegue uma batalha ontem centrada nas promessas de emancipação e nas ilusões e desilusões da história” (RANCIÈRE, 2005: 12). O termo estético, nesse sentido, possui um significado positivo porquanto está ligado à noção de modernidade, segundo a qual o fazer artístico se relaciona com a concepção de emancipação humana. Assim, ele constrói um sentido político para o termo estético. Este não está preso à categoria teórica do fazer artístico, pois “o regime estético” das artes, ao desprender-se “de toda hierarquia de temas, gêneros e artes” (idem: 33), instaura, ao mesmo tempo, a autonomia da arte, enquanto atividade humana, e “as formas pelas quais a vida forma a si mesma” (ibidem: 34). Nesse ponto, a ficção de Lima Barreto e a de Machado de Assis, cada uma a sua maneira singular, fornecem-nos importante contribuição, uma vez que as práticas estéticas empreendidas por eles, enquanto singularidade artística, revelam práticas políticas que não são descortinadas, muitas vezes, pelo discurso historiográfico.

Se em “Dentes Negros e Cabelos Azuis” a inadaptação tanto ao meio branco quanto ao mulato atinge o ponto máximo, misturando-se a sentimentos contraditórios sempre oscilantes entre o moralismo rancoroso e o preconceito paternalista; sem dúvida, em “Teoria do Medalhão”, as contradições e os conflitos sociais são percebidos pela linguagem arrebatadamente irônica de Machado de Assis. Aqui, a própria ironia é a matéria que forma o conto e a responsável principal para causar um lastro no espaço da casa onde acontece o diálogo entre pai e filho.

Machado de Assis, escritor também mulato, já havia se consagrado na época da publicação desse conto. O lugar que ocupava no meio intelectual, assim, era de notoriedade e prestígio. Fundador e primeiro presidente da Academia Brasileira de Letras, ele publicava seus textos em jornais e editoras de grande prestígio social. Sua condição na sociedade carioca da época era bem diferente da de Lima Barreto, porque “embranqueceu-se” cultural e socialmente. Ocupava, portanto, um lugar bem definido, o de um intelectual bem-sucedido.



Entretanto, na sua obra literária, rompe com a situação cômoda que aparenta ter em vida e alcança um espaço estético deveras democrático, em que provoca rachaduras no trato das questões vividas pelos seus personagens. Nesse momento, podemos perceber, sob o espaço irônico dos desvãos da sua linguagem poética e ambígua, através do não-lugar posto em evidência por Lima Barreto, a compreensão da sociedade como uma esfera de múltiplas facetas, a ponto de identificarmos na figura do pai do conto “Teoria do Medalhão” aquele apontado pelo personagem barretiano como pertencente à “mó da sabedoria mandarinata [que] ameaça a triturar-me” (BARRETO, 2010: 327). Esse mesmo pai de família, protegido no espaço de seu lar, com sua ambição de cem braços, lança seus tentáculos hostis às ruas e alcança o personagem sem-lugar de Lima Barreto. Por isso, esse personagem lamenta: “[e] entre todos os gritos soa mais alto o de um senhor de cartola, parece oco, assemelhando-se a um grande corvo, não voa, anda chumbado à terra” (idem: 327-8).

Estamos, então, diante de sujeitos diferentes colocados em condições diferentes, cada uma revelando certa complexidade no trato dos eventos. Por isso, podemos perceber que o presente cotidiano dos personagens dos dois contos é composto de forma heterogênea e incomparável, o que é identificado com o tempo qualitativo, de acordo com K. Pomian (1993). Decerto, na narrativa de ficção, notadamente, o tempo assume um sentido para nós porque temos a necessidade de contextualizar o evento. Ele se torna perceptível ao narrarmos um acontecimento. Logo, ele também está relacionado com a memória social do escritor.

Há elementos nos dois contos que evidenciam, claramente, o tempo presente e qualitativo a que alude K. Pomian. Em “Teoria do Medalhão”, o olhar presente dos personagens é lançado para um futuro repleto de oportunidades para eles, pois, da maneira como as coisas são colocadas pelo personagem “pai”, não haverá mudanças. Ao contrário, a experiência que ele possui indica certa continuidade em relação ao lugar que ele ocupa nas relações sociais.

Para o personagem barretiano, a perspectiva temporal também sugere o tempo futuro, mas de outro modo. Através de uma série de planos temporais acumulados, misturados, que formam a experiência do personagem (ao longo da narrativa, há vários indícios de tempos evidenciados pelo narrador, tais como o tempo da rua dos subúrbios; o tempo da classe abastada, que frequenta teatro, livraria, salões; o tempo trazido pela cultura africana; o tempo da Monarquia; o tempo atual para ele, da Primeira República; e o tempo da própria narrativa que organiza e dá sentido aos eventos narrados), o homem de cabelos azuis e dentes negros percebe um futuro diferente em relação àqueles personagens machadianos, ainda que estejam se referindo à mesma esfera espacial, a cidade do Rio de Janeiro.



Vejam os textos analisados, a ideia de modernidade aparece para os respectivos personagens. No texto machadiano, a concepção de modernidade deve restringir-se à denominação do termo, fugindo à sua aplicabilidade enquanto prática social, conforme se verifica no diálogo abaixo:

- [Filho] Vejo por aí que vosmecê condena toda e qualquer aplicação de processos modernos.
- [Pai] Entendamo-nos. Condeno a aplicação, louvo a denominação. O mesmo direi de toda a recente terminologia científica; deves decorá-la. Conquanto o rasgo peculiar do medalhão seja uma certa atitude de deus Término, e as ciências sejam obra do movimento humano, como tens de ser medalhão mais tarde, convém tomar as armas do teu tempo. (ASSIS, 2008: 272-3)

Nesse sentido, a expressão “processos modernos”, para esses personagens, se distancia bastante daquilo a que Reinart Koselleck se refere, quando afirma: “[a] temporalização, que de início se inscrevia na teoria histórica, a partir de então penetrou fundo na vida cotidiana” (KOSELLECK, 2006: 301). Assim, a “consciência de movimento”, tão cara ao escritor alemão para se referir à modernidade, não cabe no discurso vazio e cheio de estereótipos supracitado. A modernidade como “tempo de transição”, em que “os conceitos de movimento – como indicadores de mudança social e política e como elementos linguísticos de formação da consciência, da crítica ideológica e da determinação do comportamento” – não encontra ressonância na conversa entre pai e filho, cuja meta é alcançar a função de medalhão da sociedade. O tempo para eles significa, portanto, uma categoria metafísica, não um processo dialético que encontra no cotidiano marcas que denunciam continuação e rupturas com as estruturas paradigmáticas de pensamentos e de comportamentos, responsáveis pelo avanço da humanidade em relação à natureza e à própria vida.

É claro que Machado de Assis não compartilha com essa visão estagnada e unívoca. Ao contrário, sob uma fina ironia sua voz autoral encontra ressonância em escritores (Sterne, Diderot, Swift) que sempre pensaram seu tempo como uma época de fortes conflitos, inseridos na concepção de modernidade como consciência de movimentos.

O sentido de modernidade aparece, também, em “Dentes Negros e Cabelos Azuis”, ainda que seja sob outro ângulo. Aqui, o espírito inquieto e dilacerado do personagem encontra numa poesia de Charles Baudelaire, citada na íntegra no conto, a ideia de modernidade. Já dissemos que o tema da incomunicabilidade está presente, e o sentimento ambíguo invade o espírito do personagem, o tempo todo. É um sujeito sem-lugar na sociedade, deslocado. Contudo, ainda nutre esperanças, pois é um sujeito moderno, que se lança para o futuro como uma forma de resolver



as questões presentes. Por isso, citando a poesia de Baudelaire, identifica-se com o sentimento de liberdade do eu-lírico. Em seguida, numa espécie de contradição, enfeixa as seguintes palavras:

Depois de ter carinhosamente ouvido essa linguagem (refere-se à linguagem poética de Baudelaire) a amargura aumentava. O espírito dirigia, reclamava, queria qualquer coisa, não se bastava a si mesmo, esperava na sua prisão, no seu cárcere; e, para o meu caso, oh! que blasfêmia, o provérbio se modificara: “não é só de espírito que vive o homem...” (BARRETO, 2010: 324)

Essa contradição, pois, justifica-se na medida em que o passado, o presente e futuro constituem dimensões que se entrelaçam, formando o tempo psicológico. Nesta nova dimensão, que é identificada com o tempo qualitativo, de acordo com K. Pomian (1993: 13), evidenciam-se a memória do passado, que é dado a perceber em vários elementos no texto barretiano; o presente em que a angústia, a experiência e a expectativa convivem no mesmo instante; e o futuro em que se depositam as esperanças. Ora, se, para Pomian, “o grau de subordinação do presente ao futuro varia indubitavelmente segundo categorias sociais” (POMIAN, 1993: 12), então, podemos pensar que o grau entre eles, em Lima Barreto, tende a zero, explicando o sentimento ambíguo de seu personagem em relação à modernidade.

Portanto, os contos em apreço, cada um a seu modo e sob uma perspectiva diferente de olhar o mundo, situados em espaços diferentes, dialogam entre si, porquanto são vozes dissonantes frente a uma sociedade excludente e preconceituosa. Esses textos, colocando o sujeito em lugares particulares, tratam de elementos psicossociais dos modos de comportamento, das formas de pensar e de expressar. Põem, por isso, em xeque os grandes moralistas, uma vez que se movimentam sobre um terreno movediço, em que o desmascarador não se distancia muito do desmascarado. Dotados da faculdade de expressar-se artisticamente, os autores desses textos compartilham com os leitores a compreensão da miséria e da injustiça, cuja existência concreta está concatenada com o aspecto propriamente social, político e econômico do tempo em Machado de Assis e em Lima Barreto.

Talvez, a percepção deles esteja próxima daquilo que Reinnart Koselleck (2006) chama de consciência do movimento, que marca o período moderno, já referido por nós, entre os intelectuais brasileiros. De fato, a modernidade é uma forte marca nos escritos desses autores, tanto pela forma como escolheram para compor seus livros quanto pela força da linguagem e, ainda, pelos temas escolhidos, que descortinam um pensamento voltado para as questões do cotidiano.

Nesse diálogo artístico-literário, podemos pensar, também, nas “práticas de relacionalidade” (MASSEY, 2008), de conflitos, de embates, de antagonismos, de



● ● ●

multiplicidades, de fraturas, de particularidades, de contingências. Isso porque é possível refletirmos sobre “o modo como vivemos e produzimos tempo-espaço” (MASSEY, 2008: 215) a partir da representação do cotidiano em Machado de Assis e em Lima Barreto. Outro ponto importante, que podemos depreender dos contos em discussão, é “o lugar como uma sempre-mutante constelação de trajetórias [que] coloca a questão de nosso permanecer juntos” (ibidem: 215), embora em constante conflito. Dessa maneira, o texto literário em prosa, como uma narrativa de um tempo e de ações de indivíduos, permite-nos verificar as trajetórias e os lugares que mantêm laços com a sociedade e o cotidiano do escritor. Aqui, ainda nos é permitido, na esteira de Doree Massey, teorizar e delimitar espaço e lugar, como esferas democráticas (ibidem: 218).

Se nos detivermos, por exemplo, no lugar que ocupam os personagens dos dois contos, vemos perfeitamente que os conflitos postos pelos escritores, um de forma mais irônica e o outro com o tom trágico, existem porque os lugares, na concepção de Massey, requerem a construção de um “nós heterogêneo”. Concorramos com essa ideia porquanto descartamos a hipótese de que as pessoas vivem encaixotadas, mas também porque a ideia do outro, como alteridade, pode sugerir certo grau de hierarquização social. Esse “nós heterogêneo” é responsável pelas práticas cotidianas que fazem o lugar. O espaço, nesse sentido, assim como o tempo, é construído socialmente, o que lhes confere historicidade, porque mudam com as novas concepções exigidas pelas necessidades sociais emergentes.

No cotidiano, ele próprio um lugar de conflitos em que coexistem diversas temporalidades, são dados a perceber os objetos, as ações, a técnica, o tempo (SANTOS, 2006: 212-3). Não nos esqueçamos de que, no caso específico do texto literário, este, para Machado de Assis, corresponde a um lugar diferente em relação à concepção de literatura para Lima Barreto, não obstante estejam escrevendo no Rio de Janeiro, então capital federal. O lugar de publicação de seus textos e o público também são outros. Considerando, então, o papel estético, político e social que cada escritor objetiva para sua obra, esta se insere em discussões mais amplas, que estão relacionadas com a permanência do homem no mundo.

A partir de alguns temas levantados no diálogo do conto “Teoria do Medalhão”, então, nós conseguimos compreender o lugar dos personagens. Certamente, esse lugar não se limita à casa, mas, ultrapassando sua sala de jantar com mesa opulenta e seus jardins floridos com muros intransponíveis, o jovem filho de vinte e um anos, com algumas apólices e um diploma, “pode entrar no parlamento, na magistratura, na imprensa, na lavoura, na indústria, no comércio, nas letras ou nas artes” (ASSIS, 2008: 270). O ofício de medalhão, entretanto, ultrapassa bastante, em termos de regalias, esses lugares. Para alcançá-lo, é preciso fazer considerações



em torno de alguns termos que são interpretados no diálogo de acordo com sua finalidade no lugar em que ocupam na sociedade. Dessa maneira, pai e filho discutem a concepção das seguintes expressões: homem de ideias, as livrarias, o estilo, processos modernos, benefícios da publicidade, política, imaginação e filosofia. Esses termos devem ser despojados das práticas cotidianas, a ponto de o pai concluir enfaticamente com essas palavras:

Condeno a aplicação, louvo a denominação. (idem: 273)

Nesse ramo dos conhecimentos humanos [refere-se à política] tudo está achado, formulado, rotulado; é só prover os alforjes da memória. Em todo caso, não transcendas nunca os limites de uma invejável vulgaridade. (ibidem: 275)

Entendamo-nos: no papel e na língua alguma, na realidade nada. [refere-se à filosofia] (ibidem: 275)

Foge a tudo que possa cheirar a reflexão, originalidade. (ibidem: 275)

Os trechos supracitados evidenciam o lugar específico que deve manter um medalhão e, obviamente, denunciam o próprio lugar de onde os personagens se pronunciam: uma residência burguesa da segunda metade do século XIX. Delinham, além disso, o perfil do sujeito que fala, bem como suas práticas e representações do mundo. A partir do sentido desses termos e de suas conclusões, podemos, ainda, pensar na sociedade e no tempo em que esse sujeito atua. Os valores, a classe social, a perspectiva, a relação com o outro, subjazem a tudo o que foi dito e defendido no diálogo do conto machadiano. O desejo de poder e o sentimento de distinção social alimentam os auspícios individualistas de ambos personagens.

No final do texto, o pai, respondendo a uma pergunta do filho sobre o riso, sentencia o seguinte: “[s]omente não deves empregar a ironia, esse movimento ao canto da boca, cheio de mistérios” (ibidem: 275). É interessante o fato de Machado de Assis ter colocado na boca de seu personagem, em tom reprovativo (para um medalhão, é claro), seu próprio procedimento literário. Com a ironia, ele põe em xeque todos os valores do medalhão e atinge aquilo que Jacques Rancière fala: “é no terreno estético que prossegue uma batalha ontem centrada nas promessas da emancipação e nas ilusões e desilusões da história” (RANCIÈRE, 2005: 12).

Conclusão

Ao estudar os contos de Machado de Assis e de Lima Barreto, chegamos à conclusão de que o estético é, de fato, um espaço em que uma “partilha do sensível”, na perspectiva de Rancière, torna-se evidente para nós. Isso acontece porque:



(...) uma partilha do sensível fixa portanto, ao mesmo tempo, um *comum* partilhado e partes exclusivas. Essa repartição das partes e dos lugares se funda numa partilha de espaços, tempos e tipos de atividade que determina propriamente a maneira como um *comum* se presta à participação e como uns e outros tomam parte nessa partilha. (idem: 15)

Nesse sentido, vimos demonstrando como os escritores cariocas, através dos contos, cada um a seu modo, partilham a mesma realidade com diferente olhar. Logo, a escolha dos lugares, das atividades, dos sujeitos, das relações sociais destoa dentre os contos como “partes exclusivas”, mas se aproxima, se levamos em conta que ambos escritores se posicionam diante das questões de seu tempo.

Por isso, os termos destacados acima, referentes ao conto de Machado de Assis, encontram uma nova dimensão no espaço estético de Lima Barreto, para, em seguida, revelarem-nos semelhante conflito político e social da sociedade carioca. Colocando os textos em diálogo, descortina-se para nós a possibilidade de pensar como esses escritores, no seu tempo e lugar, “tomam parte nessa partilha”.

A visão artística do tempo histórico do século XIX brasileiro atinge um dos seus pontos culminantes nas obras de Machado de Assis e Lima Barreto. Cada um do seu jeito, eles descortinam as contradições sociais, pois registram as manifestações mais profundas e sutis das relações e ideias humanas. Segundo Bakhtin, “quanto mais profundamente as contradições se revelam, mais essencial e ampla é a plenitude visível do tempo nas imagens do artista-romancista” (BAKHTIN, 2011: 226). O leitor, nesse caso, projetará, necessariamente, os acontecimentos narrados ao futuro (que pode corresponder ao presente da leitura), estabelecendo relações entre o tempo narrado (ficção) e o tempo vivido.

Para ambos os escritores, a cidade do Rio de Janeiro é o palco dos acontecimentos cotidianos, que ganham validade histórica devido à força da linguagem literária (irônica, em Machado; e trágica, em Lima), cuja construção imagética expressa as ações e as ideias dos personagens. Ao cotejarmos os contos “Teoria do Medalhão” e “Dentes Negros e Cabelos Azuis”, percebemos que não existem mais fronteiras entre o espaço da casa e o espaço da rua. Nos dois, passa igualmente o fluxo do tempo histórico, que se concretiza, vivo e visível, no cotidiano das pessoas.

Por fim, analisamos de que modo o tempo histórico real e o espaço são assimilados pela literatura, tendo, como ponto de partida, os contos de Machado de Assis e de Lima Barreto. Com isso, discutimos, também, a relação entre fato (cotidiano/história/acontecimento) e ficção (literatura), cuja pragmática social dá

a perceber as duas realidades humanas. As palavras de Luiz Costa Lima são bem elucidativas para essa questão: “[a] ficção implica a presença de uma aporia diversa daquela que respalda a escrita da história: não pretende ser uma investigação do que foi, sem que, por isso, o mundo de fora deixe de tocá-la” (LIMA, 2006: 225; grifos do autor). Os cotidianos do espaço carioca, portanto, tocam a literatura de Lima e Machado, cruzam-se, dialogam, confrontam-se, mostrando-nos realidades diversas, lugares e sujeitos diferentes convivendo no mesmo espaço e tempo.

Referências

ASSIS, M. de. “Teoria do Medalhão”. In: **Obra completa em quatro volumes**. Vol. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2008.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

BARRETO, L. “Dentes Negros e Cabelos Azuis”. In: **Contos completos**. Org. Lilian Moritz Schwarcz. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

HARVEY, D. “La construcción social del espacio y del tiempo: Uma teoria relacional”. Disponível In: **Geographical Review of Japan**, v. 67, nº 2, p. 126-135, 1994.

KOSELLECK, R. “Modernidade”. In: **Futuro/Passado: _____**. Contribuição à semântica dos tempos históricos. São Paulo: Contraponto/Editora PUC, 2006.

LIMA, L. C. **História. Ficção. Literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 2006.

MASSEY, D. “Uma política relacional do espacial”. In: _____ **Pelo espaço: uma nova política da espacialidade**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

MOISÉS, M. **A criação literária: prosa I**. 16ª ed. São Paulo: Cultrix, 1997.

POMIAN, K. “Tempo/temporalidade”. In: ROMANO, R. **Enciclopédia Einandi**. Vol. 29. Lisboa: Imprensa Nacional, 1993.

RANCIÈRE, J. **A partilha do sensível: estética e política**. Trad.: Mônica Costa Netto. São Paulo: EXO experimental org./ 34, 2005.

RICOUER, P. **Tempo e narrativa**. Trad.: Cláudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 2010.



SANTOS, M. “O lugar e o cotidiano”. In: _____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4ª ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

WILLIAMS, R. **Marxismo e literatura**. Trad.: Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.